



O Diário da Amazônia de Roger Casement e a violência contra a mulher indígena

Mariana Bolfarine¹

RESUMO:

Este artigo discute a maneira pela qual o Diário da Amazônia, escrito pelo revolucionário irlandês Roger David Casement, desconstrói a imagem da Amazônia como uma região idealizada e intocada ao descrever a política do terror a que estavam sujeitados os indígenas coletores de borracha para a Peruvian Company. O foco será em atos de violência cometidos contra a mulher indígena, revelando um diarista que deixa de ser um relator imparcial dos eventos e passa a ser empático ao se colocar no lugar do outro, que era para ser apenas objeto de observação e evidência de crimes cometidos contra a humanidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Roger Casement;
Diário da Amazônia;
Atrocidades;
Mulher indígena

A autora:

¹ Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP). É Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Câmpus Rondonópolis. *E-mail:* marianabolfarine@gmail.com *ORCID:* <http://orcid.org/0000-0002-3342-2547>

1 Roger Casement e seus relatos

Em face da atual situação em que a Amazônia se encontra, de incêndios, desmatamento e exploração desmedida de recursos naturais, mais do que nunca se torna necessário discutir a vida extraordinária e, ao mesmo tempo, polêmica de Roger David Casement, nascido em Sandycove, Dublin, em 1 de setembro de 1864. Na infância, as histórias contadas pelo seu pai, também Roger Casement, que pertenceu ao Regimento de Cavalaria dos *Light Dragoons*, serviu na Campanha Afegã de 1842 e lutou como voluntário na Revolução Húngara de 1848, exerceram grande influência sobre as suas escolhas profissionais (BOLFARINE, 2018).

No início da adolescência, Casement ficou órfão e viveu por um tempo com tios paternos no condado de Antrim, Irlanda do Norte, um dos seus locais preferidos. Aos dezessete anos mudou-se para Liverpool, onde o tio materno lhe posicionou na Companhia Mercante Elder Dempster, seu passaporte para África. Apesar de ter iniciado sua jornada como comissário de embarcação, não tardou para que se tornasse funcionário do Estado Livre do Congo, governado pelo monarca absolutista Belga, Leopoldo II. Já mais experiente, e tendo sido notado por funcionários da Coroa, tornou-se cônsul britânico na África portuguesa em Lourenço Marques (1895-1898) e, anos depois, no Brasil, em Santos (1906-1908) e Belém do Pará (1808-1909), e cônsul-geral no Rio de Janeiro (1909-1913).

O ápice da carreira do cônsul foram as duas comissões de investigação que integrou, comandadas pelo Ministério das Relações Exteriores Britânico, que resultaram na escrita de relatórios publicados como *Blue Books*, livros oficiais Britânicos, de indiscutível importância para o surgimento do que hoje se conhece por direitos humanos. O Relatório do Congo, *Correspondência e Relatório do Cônsul de Sua Majestade em Boma Respeitando a Administração do Estado Livre do Congo*¹, foi escrito em 1903, no decorrer de sua investigação do Estado Livre do Congo sob o reinado de Leopoldo II da Bélgica, e o Relatório da Amazônia, *Correspondência sobre o Tratamento de Súditos Coloniais Britânicos e Indígenas Nativos Empregados na Coleta da Borracha no Distrito do Putumayo*², em 1911, de cujas circunstâncias trata este trabalho. Ambos documentos são conhecidos pelo seu registro franco e minucioso de atrocidades cometidas contra os nativos dessas regiões durante o auge do ciclo da borracha, no início do século XX. Por não coletar as quotas que lhes

¹ *Correspondence and Report from His Majesty's Consul at Boma Respecting the Administration of the Independent State of the Congo, impresso em Londres, por Harrison and Sons (1904).*

² *Correspondence Respecting the Treatment of British Colonial Subjects and Native Indians Employed in the Collection of Rubber in the Putumayo District, Impresso em Londres, pela Câmara dos Comuns como: Accounts and Papers: Miscellaneous No.8 (1912).*

eram impostas, tanto os congolese quanto os indígenas do Putumayo – homens, mulheres e crianças – eram flagelados, tinham membros amputados e sofriam de inanição, pois além de a coleta da borracha ocupar o seu tempo de cultivo da terra, a pífia quantidade de comida fornecida pela Companhia não era suficiente para seu sustento.

Após testemunhar tais atrocidades, instauradas por uma política do terror, Casement voltou-se contra o império britânico, demitiu-se de suas funções consulares, e aderiu à causa da independência da Irlanda. Buscou financiamento junto a *Clan na Gael*, organização republicana fundada por imigrantes irlandeses nos Estados Unidos, a fim de financiar sua ida à Alemanha, durante a Primeira Guerra Mundial, com o objetivo de buscar apoio contra os ingleses. No entanto, não obteve êxito com os alemães e acabou preso ao retornar à Irlanda em um submarino U19, aos 21 de abril de 1916, para participar do Levante da Páscoa, contra o domínio britânico, que foi adiado.

Durante o julgamento de Casement por alta traição à Coroa, naquele mesmo ano, diários de conteúdo homossexual, conhecidos como *Black Diaries*³, foram encontrados pelo Ministério do Interior Britânico em seus aposentos londrinos, minando um pedido de clemência por intelectuais e escritores conhecidos na época, como Arthur Conan Doyle, George Bernard Shaw e Mark Twain. Seus apoiadores acreditavam que Casement merecia um indulto em virtude dos seus feitos pelos Congolese, pelos indígenas do Putumayo e pelos irlandeses, que estavam sofrendo de uma epidemia de tifo em Connemara, no oeste da Irlanda. Contudo, tanto devido tanto à sua traição, quanto à divulgação de páginas dos *Black Diaries* entre membros da sua defesa e perseguição, Casement foi enforcado por alta traição na Prisão de Pentonville, em Londres, aos 3 de agosto de 1916. Em decorrência das circunstâncias de sua morte, o lugar de Casement na história permanece controverso, tanto na Inglaterra, onde é visto como traidor, quanto na Irlanda, onde foi impedido de se tornar um mártir revolucionário, pois fora ultrajado por sua suposta homossexualidade, considerada prática criminosa na Inglaterra até o ano de 1967 e na Irlanda até 1982.

No contexto brasileiro, a história de Casement caiu no esquecimento até o início de 2010, quando do lançamento do romance *O sonho do celta* (2010), pelo vencedor do prêmio Nobel Mario Vargas Llosa, e também da publicação *Roger Casement no Brasil: a Borracha, a Amazônia, e o Mundo Transatlântico* (2011), como fruto de uma colaboração acadêmica. Esta pesquisa, no entanto, aborda outro

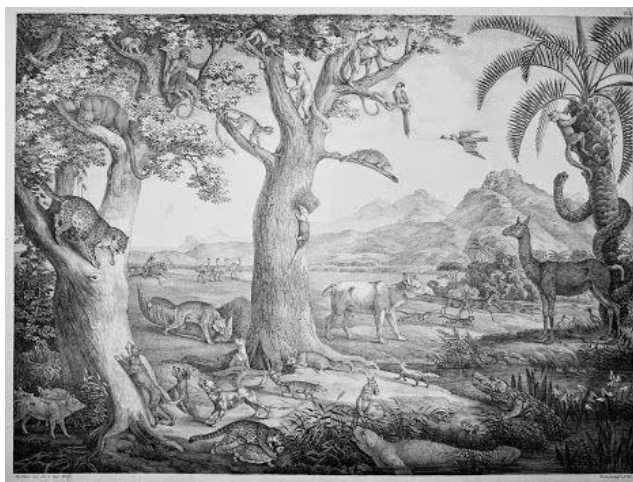
³ Publicados em 1959 por Peter Singleton-Gates e Maurice Girordias como *The Black Diaries: An Account of Roger Casement's Life and Times with a Collection of his Diaries and Public Writing*.

documento deixado por Casement durante sua investigação na América do Sul. Trata-se do *Diário da Amazônia de Roger Casement*, um relato de viagem que se distingue dos documentos anteriores por seu cunho mais pessoal, editado pelo historiador Angus Mitchell em 1997. Sua publicação em português em 2016, pela EDUSP, preenche uma lacuna em nossa literatura, na medida em que é um meio não só de expor a luta de um homem pela causa dos oprimidos, mas também, pelo fato de impedir que o silêncio sobre atrocidades cometidas contra a humanidade se perpetue.

2 O Diário da Amazônia e a Literatura de Viagem

É importante tecermos algumas considerações acerca da literatura de viagem como gênero a fim de pensarmos no alcance e no impacto do *Diário da Amazônia* de Roger Casement. Segundo Sarat (2011), a partir do século XVI, a viagem surge como “princípio educativo”, passando a fazer parte da formação do “homem burguês”, pois acreditava-se que o contato com as intempéries da natureza fortalecia o caráter, principalmente do jovem. Além do aprimoramento individual, passam a surgir as viagens de estudo às novas terras, que foram destaque, especialmente, durante todo o século XIX, cujo objetivo principal era mapear e nomear as regiões “descobertas” e fazer uma taxonomia da fauna e flora. Além desses motivos, Marat destaca “os motivos de ordem comercial e a ampliação de uma política expansionista empreendida pela Europa no chamado “novo mundo” (SARAT, 2011, p. 36).

A chegada do europeu à Amazônia no século XIX engendrou uma literatura científica de viagem que combinou ciência e estética romântica, e que produziu uma Amazônia utópica e repleta de encantos, como mostram as gravuras de Spix e Martius.



“Fauna e Floira”, Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich von Martius (1817-1820)

Contudo, há uma mudança nesse tipo de representação ao final do século XIX, início do XX, à medida que artistas e intelectuais, como o célebre escritor Euclides da Cunha, introduzem o seu desencantamento. De acordo com Izarra e Bolfarine (2016), em 1904 Euclides da Cunha participou de uma expedição de reconhecimento do Alto Purus, na fronteira entre o Brasil e o Peru, e escreveu ensaios que ficaram conhecidos como “ciclo amazônico”. Nesses ensaios, ele descreve o conceito de “escravidão por dívida”, demonstrando como, em uma economia extrativista, “o trabalhador ficava acorrentado ao seu empregador” (IZARRA; BOLFARINE, 2016, p. 26). Essa relação de trabalho cruel também foi descrita por Roger Casement em seu Diário, na medida em que demonstra a impossibilidade de o índio suprir suas necessidades mais básicas.

O Diário de Roger Casement está inserido justamente nesse contexto de desencantamento, pois apresenta um relato de atrocidades que, ironicamente, acaba por se tornar uma declaração anticolonial. A narrativa cobre o período das investigações de Casement no Putumayo, região então disputada entre Peru, Brasil e Colômbia, e é o registro da investigação que Casement empreendeu em 1910, quando integrou uma Comissão de Inquérito Parlamentar, para desmascarar frente ao Europeu o processo de extração da borracha necessária, por exemplo, para a fabricação do pneumático de John Dunlop, cuja demanda aumentou consideravelmente após a produção do primeiro veículo em massa, o Ford T, a partir de 1908. A companhia de extração investigada era a Peruvian Amazon Company, registrada em Londres e dirigida pelos irmãos Julio César Arana e Lizardo Arana.

É válido ressaltar que o período da referida investigação era de acentuado contraste sócio econômico. O século XIX, e início do XX, ficou conhecido como a “belle époque amazônica” (DAOU, 2000, p. 37), um lugar em que o progresso marchava em ritmo alucinante. Tanto Manaus quanto Belém do Pará passaram por uma transformação urbana, destacando-se “o sistema de telégrafo subfluvial que garantia a comunicação da capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha” (DAOU, 2000, p. 37). Esse processo de modernização refletiu positivamente na economia, à medida que promoveu uma maior sistematização da comercialização mundial do látex extraído das seringueiras (*Hevea brasilienses*), abundantes na floresta amazônica.

O relato de Casement se inicia quando sai de Londres em agosto de 1910, chega na primeira estação de borracha, La Chorrera, em setembro e termina em

Iquitos, em dezembro de 1910. Foram meses de intensas descobertas e revelações, nos quais colheu um vasto conjunto de provas, como as fotografias por ele tiradas, e os depoimentos dos Barbadianos, súditos britânicos que foram levados ao Peru para trabalhar como supervisores. Inicialmente, a investigação era para ser voltada aos barbianos, mas logo foi desviada aos indígenas, cujos corpos, magros e dilacerados por marcas de açoite, falavam por si.

Segundo o historiador Angus Mitchell, “Este diário consiste na narrativa que ele escreveu como um aide-mémoire enquanto viajava por Putumayo, compilando provas para revelar um grande crime contra a humanidade.” (MITCHELL, 2016, p. 19). Nele, é possível identificar diversos eixos temáticos, como a empatia de Casement em relação aos índios e sua desilusão frente à missão civilizadora do Império Britânico pregada pelos europeus. O documento possui um caráter multidisciplinar: sociológico, histórico, antropológico e literário. O eixo que será tratado neste estudo é concernente ao olhar de Casement sobre a subjugação da mulher indígena.

3 Casement e a mulher indígena

Conforme mencionado, o *Diário da Amazônia* é um relato cujo foco é dirigido para a condição do indígena coletor e transportador de borracha, sob um regime de escravidão, para a *Peruvian Amazon Company*, no distrito do Putumayo.

Durante a investigação, o olhar de Roger Casement está constantemente voltado para o indígena subjugado pelo poder imperial, que se torna vítima de um sistema de exploração desmedida, cujas consequências são drásticas. Casement calcula que, de um povo outrora numeroso, apenas quatorze mil indígenas teriam sobrevivido na região do Putumayo, uma das mais afetadas, e que “Representam um grande peso na consciência da humanidade civilizada”. (CASEMENT, 2016, p. 248).

O olhar de Casement é particularmente atento ao sofrimento, de jovens, crianças e idosos. No entanto, este trabalho enfoca a maneira pela qual Casement discorre sobre a violência cometida contra a mulher indígena no Putumayo. Desse modo, foram selecionados excertos que tratam, em primeiro lugar, das diferentes funções exercidas pelas mulheres no ambiente doméstico; em segundo lugar, das reações de Casement quando se depara com uma mulher andoque⁴ doente; por

⁴ As áreas de seringais do Putumayo apropriadas pela *Peruvian Amazon Company* concentravam mais de trinta mil indígenas das etnias huitoto, bora, andoque e ocaina.

fim, do fato de essas mulheres servirem de escravas sexuais para os funcionários da Companhia.

3.1 Serviço doméstico

As mulheres indígenas, antes da colonização, desempenhavam papéis culturalmente determinados em suas sociedades. Após a intrusão do domínio imperial, houve uma reordenação desses papéis. Via de regra, as nativas eram literalmente transformadas em escravas que exerciam diversas funções, sendo elas de trabalhadoras agrícolas, empregadas domésticas, mães e concubinas, revelando assimetria de gênero entre o colonizador e o colonizado, entre homens e mulheres indígenas.

Ainda que a escravidão já tivesse sido abolida na Inglaterra desde 1834, na prática a *Peruvian Amazon Company*, registrada em Londres, ainda maninha esse tipo de relação de trabalho na primeira metade do século XX. *Occidente* foi a segunda estação de borracha da Companhia visitada por Casement, na qual chegou aos 28 de setembro de 1910, cujo chefe era Fidel Velarde, a quem Casement se referia como “um tipo asqueroso” (CASEMENT, 2016, p. 93). Já no momento da sua chegada, Casement repara que os homens eram “todos menores que o normal, alguns esqueléticos, ou pelo menos desnutridos” (CASEMENT, 2016, p. 99), revelando claros maus-tratos.

Além da atenção ao corpo dos índios, Casement também nota que homens e mulheres indígenas exerciam tarefas diferentes. Isso pode ser visto neste primeiro excerto extraído do *Diário da Amazônia*, de 5 de outubro de 1910, que relata uma situação cotidiana nas estações de borracha, testemunhada por Casement:

Levantei às 5h15. Vi primeiro uma moça sair do quarto de Torrico, perto do meu, na mesma varanda. Quando me viu, à minha porta, ela fugiu de um salto. Fiquei na varanda e vi quatro moças ou mulheres saírem da casa de Velarde (onde dormem ele, Rodríguez e, concluo, Aquileo Torres), e, ao mesmo tempo, quatro das carregadoras de água apareceram em nossa varanda para apanhar as latas vazias e descer ao rio. Ao mesmo tempo vi mulheres às portas dos quartos dos criados, do outro lado. [...] Temos aqui um séquito feminino considerável, que não se dedica a nenhum trabalho útil, a não ser como pobres carregadoras de água, que começam às 5h30 e carregam água, às vezes, até às oito da noite. São elas, ou alguma dessas escravas, que lavam nossa roupa. Ontem à noite, Sealy trouxe a roupa lavada de Gielgud e de Tizón, e perguntei a Gielgud (de propósito) como é que ele pagava a lavagem de roupa. “Oh!” respondeu, “eu não pago. Considero como uma das coisas que a Companhia proporciona.” Assenti e perguntei ingenuamente

como é que a Companhia remunerava as mulheres que lavam a roupa. “Oh!”, disse. “Elas recebem alimentos. Não são pagas. Recebem presentes, latas de sardinha e outras coisas.” “Entendo”, disse, “mas se elas são empregadas da Companhia e contratadas como tal, com certeza existe alguma regra ou escala de pagamento.” Ele não respondeu. Isso diante de Tizón e de todos os demais, um pouco antes do jantar; e é isso que ele acha “tão bom”. (CASEMENT, 2016, p. 125).

Desse modo, uma das funções primordiais para a vida na estação de borracha, a de se ter água disponível, era designada às mulheres. Segundo Casement, ao amanhecer o “séquito feminino” saía dos quartos dos *empleados* da Companhia para ir até o rio e encher suas latas de água e trazê-las de volta à estação, tarefa que se repetia até o anoitecer.

Ademais, a passagem deixa claro o sistema de trabalho escravo a que a mulheres eram submetidas, pois não eram remuneradas. Em outra estação de borracha visitada por Casement, *La Correria*, esse modo de trabalho de repetia: “Descobri que as calças são feitas aqui em Chorrera! As mulheres escravas as cortam e as costuram! Isso é que é suar a camisa! *Bangs Banagher*”⁵ (CASEMENT, 2016, p. 276). Além de buscar água, as indígenas eram responsáveis não apenas pela lavagem das roupas, mas também pela sua própria fabricação.

Os trechos selecionados refletem a injustiça que recai sobre as mulheres colonizadas, que eram tratadas como serviçais nas estações de borracha. Elas exerciam não só as mesmas funções dos homens, de coletar e transportar fardos de borracha de uma estação a outra, mas também, de buscar água, lavar a roupa, costurar, cozinhar e cuidar da casa. Elas não eram pagas por esse trabalho para a Companhia; recebiam em troca, presentes e alimentos, o que diminuía o valor do seu trabalho e engendrava uma relação paternalista por parte dos peruanos que infantilizavam a mulher indígena.

3.2 Mulher andoque doente

Embora reflexões sobre as condições de trabalho das mulheres indígenas eram submetidas sejam recorrentes no *Diário da Amazônia* há, também, inúmeras entradas que descrevem mulheres idosas, doentes e magras; ora cambaleando sob imensos fardos de borracha, ora carregando bebês e crianças de colo, igualmente fragilizadas. Esse sofrimento físico está presente nessa fotografia tirada por

⁵ Idem, p. 276. No *Diário*, Casement emprega com frequência expressões em outras em outras línguas, como a acima, que significa “Isso supera qualquer coisa”, em gaélico.

Casement, de uma mulher com seus filhos. Os três estão magros e, aparentemente, desnutridos:



Mãe índia com filhos.
Fotografia de Roger Casement
enviada a Washington (National
Archives and Record
Administration). Fonte: *Diário
da Amazônia de Roger
Casement*, (2016, p. 106).

No capítulo VII, “Retorno a Entre Rios”, há uma passagem de 21 de outubro de 1910 que ilustra a forma singular com que Casement agia quando tinha que confrontar situações de desamparo da mulher indígena. A passagem a seguir descreve o momento em que Casement, acompanhando uma caravana de transportadores de borracha, ia da estação chamada *Matanzas*, cujo chefe era Armando Normand, até a de *Entre Rios*, quando uma mulher andoque idosa carregando uma imensa *tula* cai no chão:

A mulher que havia reclamado no período da manhã não tinha condições de prosseguir. Chorava copiosamente e tremia por inteiro e, quando eu me aproximei, sons mais tristes brotavam dos lábios da pobre criatura. Ajoelhei-me ao seu lado, removi o fardo de borracha dos seus ombros e a tira da sua testa, e disse a Bishop para colocá-lo na beira da estrada e marcar com uma cruz a árvore na qual ficaria encostado. A mulher chorou ainda mais, e continuou dizendo que Normand a mataria. [...] Pedi a Bishop que tentasse lhe dizer que não temesse, que Normand não lhe faria nada, que eu seria responsável por levar a sua carga adiante e que ela deveria acompanhar-me até a casa dos muinanes, onde eu lhe daria alimento, remédio e roupas.⁶ (CASEMENT, 2016, p. 223).

O estilo de Casement é naturalista e factual, ou seja, baseado em um relato aparentemente fiel da realidade que o cerca e de fatos e evidências que encontra nos relatos dos barbadianos e nas suas próprias observações, mas, ao mesmo

⁶ Idem, p. 223.

tempo é entremeado por instâncias de profunda sensibilidade, resultando em uma narrativa íntima e pessoal. A construção do seu discurso faz com que sejamos capazes de enxergar, através de seus olhos, o sofrimento da mulher nativa que chorava e tremia de medo. O ponto principal que pode ser notado nesse excerto é a empatia de Casement em relação à mulher e a ação que esse sentimento promove ao fazer com que Casement se responsabilize por seu fardo e lhe ofereça alimento e cuidado.

O que temos é aquilo que o antropólogo Michael Taussig descreve como sendo uma política de terror exercida pela *Peruvian Amazon Company* em relação ao indígena. Para Taussig, o terror é “é um estado fisiológico e também um estado social, cujos traços especiais nos permitem que ele sirva como um mediador *par excellence* da hegemonia colonial: o espaço da morte onde o índio, o africano e o branco deram à luz um novo mundo.”⁷ (TAUSSIG, 1987, p. 27). Como pode ser notado a partir do sentimento da velha indígena em relação ao chefe da estação de *Matanzas*, Armando Normand, o medo, inclusive da morte, aumentava a produtividade do índio, que coletava cada vez mais borracha.

Assim, a passagem revela que os indígenas do Putumayo eram movidos pelo terror, pois esse sentimento fazia com que eles se rendessem às práticas da Companhia para coletar cada vez mais látex. Podemos perceber essa política do terror sendo posta em prática pelo referido Armando Normand, conhecido por ter “esmagando os miolos de crianças contra cepos de árvores cortadas e queimando-as vivas” (CASEMENT, 2016, p. 203). Normand, cuja fisionomia era para Casement “diabólica, cruel e maligna”⁸ (CASEMENT, p. 204), se tornaria seu arqui-inimigo, principalmente depois desse episódio.

3.3 Concubinato

Enquanto as mulheres mais velhas eram vítimas de abusos físicos e psicológicos, as mais novas com frequência se tornavam escravas sexuais. Segundo Robert Young (1995), no século XIX, cultura e racismo eram cúmplices; os conceito de raça e de etnia, sempre foram uma construção cultural, política, científica e social. Além da ideia de raça, McClintock constata que “a vasta arquitetura do imperialismo, repleta de fissuras, foi amparada no conceito de gênero, pelo fato de

⁷ TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993 [1987], p. 27.

⁸ Idem, p. 204.

que foram os homens brancos que fizeram e aplicaram leis e políticas segundo seus próprios interesses”. (MCCLINTOCK, 1994, p. 6, tradução minha).

De acordo com Young (1995), a concepção de raça foi definida a partir do critério da civilização – o homem branco europeu aculturado estaria no topo e todos os demais em uma escala hierárquica de seres, de molusco a Deus, ou em uma escala evolutiva de desenvolvimento de um estado feminizado da infância (selvageria) até a masculinidade plena (europeia). Outrossim, Young (1995) nos explica que o medo da miscigenação na Era Vitoriana estava relacionado à noção de que, sem a hierarquia das raças, a civilização entraria em colapso. Não obstante, o contato colonial originou forças de atração e repulsão, que resultaram nos mais diversos tipos de violência sexual que, no contexto do Putumayo, era praticada contra a mulher indígena.

A dissimetria de gênero era o fator que regia as relações “íntimas” que se estabeleciam entre o colonizador branco e a colonizada indígena. Desse modo, o olhar atento de Casement recaí sobre o concubinato, uma situação em que os colonizadores se apropriavam das mulheres indígenas como escravas sexuais. Esse tipo de relação é constantemente registrado por Casement, como no trecho abaixo, de 7 de outubro de 1910:

A casa indígena é uma estrutura bem pequena, com o chão vazado, a aproximadamente três metros do solo, onde ficam mulheres etc., e a parte de baixo é ocupada por muitos outros índios, principalmente mulheres e crianças. As mulheres predominam e muito. Estão por toda parte. Contei **sete concubinas** ao mesmo tempo do lado de fora, três na varanda onde o “pessoal” reside. (CASEMENT, p. 134-135, grifo meu).

Aqui, Casement emprega o termo “concumbina” e chama atenção para o seu grande número, pois estavam por toda a parte. Contudo, o cônsul discorre de forma mais aprofundada sobre o concubinato durante sua estada na estação de *Entre Rios*, cujo chefe era o descendente de irlandeses Andreas O’Donnell. Lá, Casement escreve sobre a poligamia, proibida no mundo cristão da metrópole, mas praticada nas colônias. Nesse quesito o “harém” de O’Donnell é o que mais chama a sua atenção. O’Donnell tem:

[...] uma casa própria de três cômodos, na qual vivem as quatro senhoras O’Donnell, seus três filhos e um bando de empregados. Assim, cada *empleado* tem uma “esposa”. Barbolini tem duas, e muitos têm filhos, os quais precisam de amas-secas indígenas. As meninas vêm para se tornarem esposas de reserva. Logo, há um comboio de meninas que transportam água do Cahuinarí durante o dia todo, como em Occidente. (CASEMENT, 2016, p. 269).



Esposas dos Empregados da Companhia. Fotografia de Silvino Santos (Álbum de Fotografias. Programa de Cooperación Hispano-Peruano, out, 2013). Fonte: *Diário da Amazônia* de Roger Casement, 2016, p. 175).

Este excerto relata a escravidão sexual feminina, que ocorria em diversos níveis, desde os *empleados*, responsáveis por supervisionar os coletores de borracha, até os chefes de estação. Cada funcionário tinha de três a quatro esposas, “oficiais” e de “reserva”; muitas eram meninas. Ademais, uma consequência inevitável do concubinato e da poligamia, como notado por Casement, é o nascimento de crianças mestiças, com frequência, de mães diferentes.

Em sua maioria, essas “esposas” eram capturadas à força ou, então, eram simplesmente roubadas de suas famílias, como demonstra a passagem a seguir:

O'Donnell tem três filhos nascidos de mães diferentes, e Bishop diz conhecer outras cinco mulheres do estabelecimento que residem no harém em frente à aldeia. Minhas roupas sujas são, como sempre, de responsabilidade delas. Blondini, o executor, tem duas “esposas” aqui nesta casa, e cada um dos outros homens tem as suas. O jovem Rodríguez (pertencente a esta estação, mas temporariamente em Occidente) tem três esposas. Todas capturadas à força ou mortas, ou simplesmente roubadas de outras tribos indígenas do entorno. Via de regra, não se consegue uma esposa índia dessa forma; embora me relatassem muitos casos em que Jiménez, Fonseca, ou Montt tomaram mulheres à força e mataram os maridos que se opuseram, mas, como regra geral, acredito que a esposa de um índio adulto não é, digamos, respeitada, mas deixada para viver com eles. (CASEMENT, 2016, p. 187).

Além da percepção de Casement acerca da condição subjugada da mulher indígena, o cônsul vai além e reflete sobre como a subtração das mulheres pelos funcionários da Companhia afeta as relações sociais entre os próprios índios e entre o índio e sua função de coletar o látex. Casement indigna-se ao descobrir que, novamente, essa política do terror, de violência e destruição das famílias indígenas, poderia acarretar “prejuízo” para a *Peruvian Amazon Company*:

“Se você toma a mulher de um índio, ele deixa de coletar borracha.”

“Mas você pode açoitá-lo, obrigá-lo a coletar borracha com o chicote.”
 “Não, pois se levam sua mulher, ele não coleta mais borracha, logo você pode açoitá-lo quanto quiser, até que morra; alguns índios amam muito suas esposas.”

Que povo miserável por se submeter a isso! O que salva suas esposas da luxúria desses sátrapas é a ganância desses homens; eles não conseguirão obter borracha se não deixarem aos pobres índios caçados sua única mulher, aquela com que compartilham todas as suas misérias, e que é mãe de seus filhos. (CASEMENT, 2016, p. 187).

No excerto acima, há um diálogo entre Casement e o Barbadiano Sealy sobre como o indígena deixa de coletar borracha se sua mulher lhe é tomada, afetando a produção da estação. A esse respeito, o crítico Franz Fanon (*apud* MCCLINTOCK, 1994, p. 364) discute sobre como o colonialismo está intimamente ligado à domesticação da colônia, incluindo uma reordenação da economia trabalhista e sexual do povo colonizado, pois ao desviar o poder feminino para as mãos dos colonizadores, o poder patriarcal dos homens colonizados é desordenado.

De tal modo, pode-se notar como essa reordenação da economia trabalhista e sexual ocorre na *Peruvian Amazon Company*, à medida que Casement demonstra como a captura das mulheres indígenas pelos funcionários da Companhia para fins sexuais afeta diretamente a coleta de borracha. Isso se dá em virtude de que os homens, sem suas parceiras, ou ficarão deprimidos e não coletarão borracha suficiente, ou a coletarão por medo de ameaça ou extorsão.

3.4 Escravidão

Conforme demonstrado, o fio condutor das entradas do *Diário da Amazônia* é a empatia de Casement, não só em relação à condição da mulher, mas também, à destruição de todo um modo de vida nativo devido ao que ele chama de uma “escravidão sem lei”, em vigor em uma companhia inglesa:

O sistema todo, do princípio ao fim, não passa de uma escravidão sem lei. É a situação mais descontrolada que se pode imaginar nesta etapa da evolução humana, pois esses agentes não são selvagens, mas funcionários muito bem remunerados de uma grande companhia inglesa: são cidadãos de um país civilizado, e responsáveis, segundo dizem, por uma “administração eficiente da justiça”. (CASEMENT, 2016, p. 411).

Casement demonstra em sua narrativa o *modus operandi* da *Peruvian Amazon Company*, ou seja, uma sistematização da violência empregada na extração da borracha. Os *Diários* colocam em xeque a noção de que uma empresa europeia, dita civilizada, agirá conforme as leis vigentes na primeira metade do século XX; ao contrário, demonstram as consequências deletérias do capitalismo quando ausente se supervisão e controle.

Ao fim de sua jornada, Casement é um homem transformado que aponta para o processo de (des)humanização do nativo, que mais tarde, se tornaria o cerne de seu futuro apoio à causa da independência irlandesa:

As únicas pessoas por quem lamento em Iquitos e em outros lugares na Amazônia peruana são os índios e aqueles em quem o tipo indígena prevalece. [...] O índio ainda preserva algo de sua originalidade e moralidade, de sua docilidade de trato e simplicidade de coração. Meu trabalho na Amazônia acabou. Travei uma dura batalha e, tanto quanto é possível para um homem sozinho vencer, posso dizer que venci, mas o que fica para trás ninguém pode ver. (CASEMENT, 2016, p. 411)

Por conseguinte, ao descrever esse “paraíso do diabo”,⁹ nas palavras do explorador norte-americano Walt Hardenburg, Casement lança mão de uma dicotomia maniqueísta: os índios e os barbadianos são as vítimas, enquanto os vilões, como o chefe da estação de *Matanzas Armando Normand*, são os membros da *Peruvian Amazon Company*. A expressão franca de tais sentimentos nos leva à conclusão de que o *Diário da Amazônia de Roger Casement* apresenta um ponto de transformação na escrita de viagem dos séculos XIX e XX.

Esse argumento foi construído pelo pesquisador Robert Burroughs (2010) ao afirmar que a narrativa amazônica de Roger Casement é baseada em seu “reconhecimento sincero do testemunho [dos barbadianos] e da sua resposta irritada à violência sofrida pelas vítimas [os indígenas]” (BURROUGHS, 2010, p. 120, tradução minha). Burroughs afirma que o relato de viagens de Casement é inovador no sentido que justapõe “centro” e “periferia”, visto que revela sua indignação, como cônsul britânico, ao descobrir a cumplicidade de uma companhia inglesa para com as atrocidades ocorridas no Putumayo.

⁹ Termo extraído do título do relatório do norte-americano Walter Hardenburg, *The Putumayo: the devil's Paradise. Travels in the Peruvian Amazon region and an account of the atrocities committed upon the Indians therein/O Putumayo. O paraíso do diabo: viagem pela região amazônica e relato das atrocidades cometidas contra os indígenas*.

4 Conclusão

Embora houvesse muitos obstáculos que os povos colonizados enfrentaram em ambientes coloniais, as mulheres sempre estiveram do lado mais frágil do sistema e, por conseguinte, acabaram sendo alvo dos mais variados tipos de violência. De fato, a prova disso é que há muito pouca literatura sobre a violência sofrida pelas mulheres indígenas ao longo do processo colonial, especialmente no contexto sul-americano. Portanto, o *Diário da Amazônia de Roger Casement* é uma poderosa arma de denúncia, uma vez que, além de desconstruir, como Euclides da Cunha, o mito idílico da Amazônia, sua narrativa apresenta um clamor por mudanças ao expor um sistema de exploração que, caso contrário, permaneceria invisível.

Referências

- BOLFARINE, Mariana. *Between Angels and Demons: Trauma in Fictional Representations of Roger Casement*. São Paulo: Humanitas, 2018.
- BOURROUGHS, Robert.. *Travel Writing and Atrocities: Eyewitness Accounts of Slavery in the Congo, Angola and the Putumayo*. Oxton and New York: Routledge, 2010.
- CASEMENT, Roger. *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Edição de Angus Mitchell; organização de Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine; tradução de Mariana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Maria Rita Drumond Viana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- SINGLETON-GATES, Peter; GIRORDIAS, Maurice. *The Black Diaries: An Account of Roger Casement's Life and Times with a Collection of his Diaries and Public Writing*. New York: Grove Press Inc., 1959.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Epoque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000.
- IZARRA, Laura P.Z.; BOLFARINE Mariana. A Presença de Roger Casement no Brasil Hoje. In: *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Edição de Angus Mitchell; organização de Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine; tradução de Mariana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Maria Rita Drumond Viana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- LLOSA, Mario Vargas. *O Sonho do celta*. Tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2011[2010].
- MARTINEZ, Monica. Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. *Intercom – RBCC*, v. 35, n. 1, p. 34-52, 2012.
- MCCLINTOCK, Anne. *Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Conquest*. New York: Routledge, 1994.
- MITCHELL, Angus. “Introdução”. In: *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Edição de Angus Mitchell; organização de Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine; tradução de Mariana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Maria Rita Drumond Viana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- MITCHELL, Angus. *Roger Casement no Brasil: a Borracha, a Amazônia e o Mundo do Atlântico (1884-1916)*. Tradução de Mariana Bolfarine. São Paulo: W. B. Yeats Chair of Irish Studies; Humanitas, 2011.
- SARAT, Magda. “Literatura De Viagem”: Olhares Sobre O Brasil Nos Registros Dos Viajantes Estrangeiros”. *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.2, p. 33-54, 2011.
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993 [1987].
- YOUNG, Robert J. C.. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture, and Race*. New York: Routledge. 1995.



The Amazon Journal of Roger Casement and the violence committed against the indigenous woman

ABSTRACT:

The aim of this work is to analyse the way in which in the Amazon Journal, the Irish revolutionary Roger David Casement deconstructs the image of the Amazon as an idealized and untouched region while describing the policy of terror to which the indigenous rubber collectors were subjected by the Peruvian Amazon Company. The focus will be on acts of violence committed against indigenous women, revealing a diarist who ceases to be an impartial reporter of events and becomes empathetic; thus, able to place himself within the frame of reference of the other, which was initially restricted to being object of observation of evidence of crimes committed against humanity.

KEYWORDS:

Roger Casement.
Amazon Journal.
Atrocities.
Indigenous woman.